

Entrevista Dados indicam que é preciso rever fluxo de recursos e infraestrutura, diz Marcelo Neri

‘Se a fertilidade estiver por trás do resultado do Censo, vamos pagar um preço’

Lucianne Carneiro e
Alessandra Saraiva
Do Rio

Diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social), o economista Marcelo Neri afirma que o retrato das primeiras informações do Censo Demográfico 2022 — com menor crescimento da população e tendência de esvaziamento de municípios mais populosos — demanda um novo debate sobre fluxo de recursos públicos para os municípios e reorganização de infraestrutura nas cidades que mais ganharam moradores. Neri, que é ex-ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) e ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), reforça que questões como transportes, educação e saúde precisam ser repensadas diante dos novos dados. Na sua avaliação, o aumento da população em cidades médias tem ocorrido tanto pelo dinamismo econômico quanto pela busca por qualidade de vida, diante do esgotamento de grandes cidades.

Neste contexto, Neri chama atenção para o fato de que o avanço da escolarização no país nos últimos anos não se traduziu nem em aumento de produtividade do trabalhador nem em maior crescimento econômico. Sua expectativa é que as informações do Censo 2022 sobre faixa etária da população, que devem ser divulgadas em breve, confirmem a tendência de envelhecimento e de redução de jovens.

A seguir os principais pontos da entrevista ao Valor:

Valor: Os dados do Censo acendem sinal amarelo em termos de política pública?

Marcelo Neri: A desaceleração da população, que é o fato acima do esperado, é algo importante. Talvez seja o fato mais marcante. As implicações estão ali, mas a gente ainda não sabe, como muda a questão etária da população, a distribuição etária. O Brasil está fazendo uma transição demográfica rápida, só comparável à China.

Valor: Como assim?

Neri: Em termos de velocidade, quatro, cinco vezes mais rápida do que a dos países europeus. A transição de uma sociedade onde tem muita criança para mais um “vaso”, com mais população idosa. Essa é a tendência acelerada do Brasil. Isso implica em desafios de previdência, de política de saúde...

Valor: É algo para o qual os governos não estavam preparados?

Neri: É um desafio, um quebra-cabeça. A população cresceu 5 milhões a menos do que se esperava. Cresceu 12 milhões, esperava-se crescer 17 milhões. Por quê? É uma pergunta interessante. Foi a pandemia? Não. Na pandemia morreram 700 mil pessoas, número subestimado. Mas expandir esse número não vai explicar os 5 milhões, só uma fração do total. Tem outro aspecto. Normalmente quem migra são os jovens, os homens jovens solteiros. Outros dados [que não os do Censo] mostram que nunca foi tão alta a intenção de migrar. E isso bate com os dados do Ministério das Relações Exteriores. De qualquer maneira, não é muita gente. Então segue o mistério. Pandemia, imigração e tem a questão de fertilidade. Antiga-

mente o menor município do país era Borá (SP), com menos de mil habitantes. Mas tinha taxa de crescimento populacional grande. A gente brincava se era a água. Pelo Censo, cresceu 12,7%. Da lista de menores municípios, foi o que cresceu mais. Então há essas questões de fecundidade que, por enquanto, só dá para especular.

Valor: Voltando à migração, houve mudança nas concentrações de população de grandes cidades. No Centro-Oeste, a população aumentou mais do que no Norte.

Neri: O Centro-Oeste tem me chamado a atenção e é uma surpresa. Os dados sociais do Centro-Oeste, das capitais, estão disputando a “ponta”. Goiânia, Cuiabá, em termos de desigualdade. Não tanto a renda, mas a distribuição de renda era algo que não esperava.

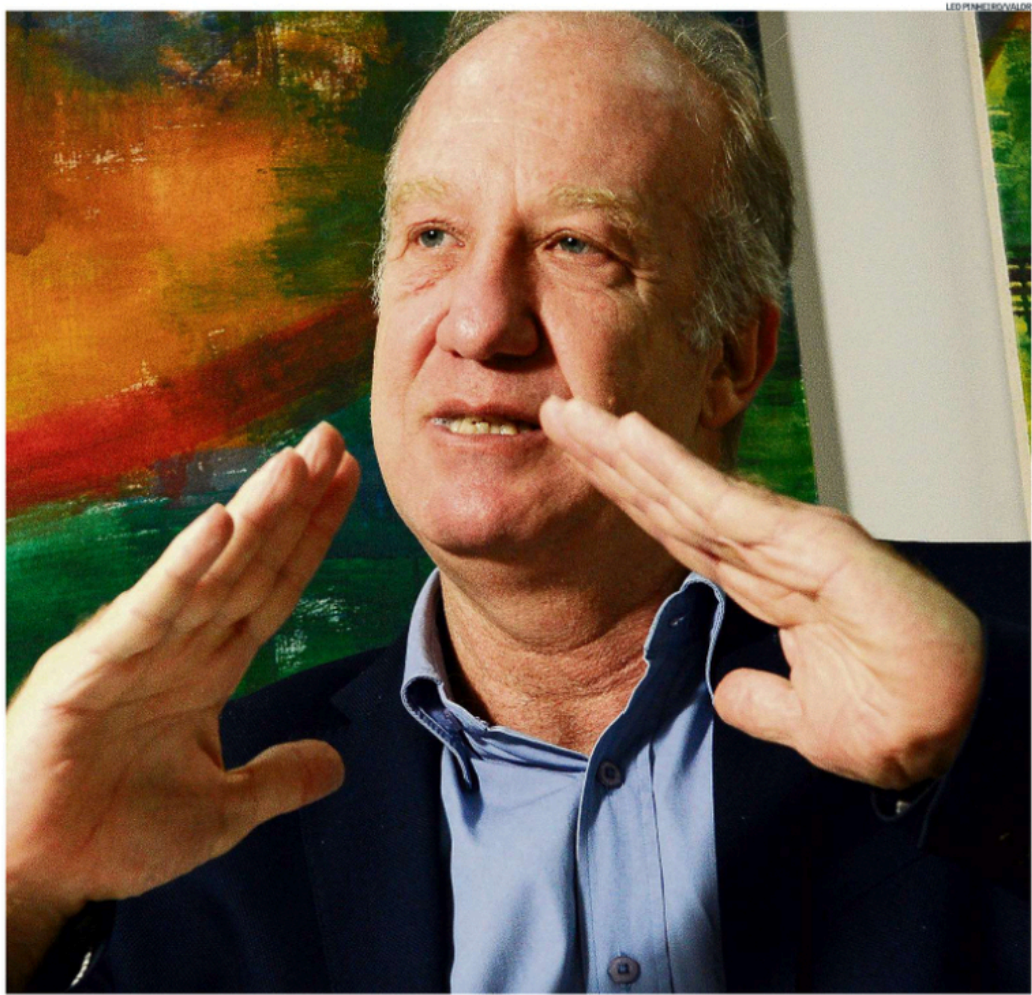
Valor: Falando sobre essas mudanças de padrão. Isso não inferiria numa mudança de direcionamento de recursos por parte dos governos? Seja nas esferas municipal, estadual e federal?

Neri: Existem regras institucionais que funcionam como degraus. Nos anos 1990, teve muita subdivisão de municípios, que depois foi segura. Se tivesse município até não me lembro quantos mil habitantes, tinha uma vantagem fiscal, recebia mais recursos por habitantes, o que faz diferença no financiamento e no investimento pelos municípios. Isso induziu a uma subdivisão de municípios. E não deveria ser assim. Deveria fazer uma “rampa”, uma regra gradual, para tirar esse tipo de incentivo.

“Tivemos a menor taxa de crescimento [da população] de todas as décadas. Isso obriga a olhar para trás e para a frente”

Valor: E como avalia essa mudança das pessoas para o interior, o aumento das cidades médias?

Neri: As periferias das grandes cidades se caracterizam pela ausência do Estado em termos de serviços públicos, segurança, saneamento. Tem essa escolha de sair de um lugar precário, uma ocupação improvisada, que era a fotografia da nova pobreza. Essa pobreza migrou para outros lugares. Tem uma coisa importante nessa migração, a questão econômica, Sinop, em Mato Grosso, Parauapebas, no Pará, que estão entre aquelas [cidades] com exploração de recursos [commodities], um ‘boom’ que atrai e que talvez não seja uma ocupação organizada. Mas ao mesmo tempo há municípios ricos não consolidados, como Nova Lima [em Minas Gerais], o município mais rico do Brasil pelo Imposto de Renda e um dos maiores crescimentos [no Censo]. Lá tem um pouco de “subúrbio típico americano” que as pessoas moram, um lugar de status. Santana de Parnaíba [em São Paulo], o segundo município mais rico pelo IR, também está entre esses. Balneário Camboriú [em Santa Catarina], idem. São lugares que oferecem certa qualidade de vida. Se olhar os municípios mais ricos do país, por várias



Marcelo Neri: economia e busca por qualidade de vida são possíveis razões para fluxo migratório e esvaziamento de grandes cidades brasileiras

bases, inclusive pelo Censo [2010], tem Vitória [no Espírito Santo], Florianópolis, Santos [São Paulo], Niterói [Rio de Janeiro], Campos do Jordão [São Paulo]...

Valor: As pessoas costumavam ficar no entorno de grandes metrópoles por causa do mercado de trabalho. A mudança pode refletir piora das condições de grandes cidades? Não compensa mais ficar perto do mercado de trabalho?

Neri: Não podemos esquecer um movimento fundamental entre os dois Censos [2010 e 2022], que é uma grande reversão [entre 2015 e 2016]. E uma epidemia [em 2020]. Os efeitos não foram “distribuídos” de maneira uniforme no território. No Rio, temos estudos que mostram que o mercado de trabalho foi o mais afetado pela pandemia. Olhando os dados, tem esse movimento de migração que pode ser pela questão econômica, e o Rio talvez seja um bom exemplo de migração por razões econômicas de renda.

Valor: Diante dos atrasos, falta de recursos, foi o Censo possível?

Neri: Foi um Censo “possível”. Mas, se fizesse um Censo em 2021, teria uma fotografia atípica. E precisa de uma fotografia “normal”. Às vezes, vale a pena esperar um pouco apesar de todos os custos que se inserem. O Censo de 2010 também foi realizado em um momento atípico.

Valor: Por quê?

Neri: Pelo crescimento do PIB, que foi de 6%, 7%. Era ano eleitoral. Agora o Censo também foi feito em ano eleitoral. São dois momentos atípicos, em um certo sentido. Acho que teve uma certa retomada no ano de 2022. Mercado de trabalho, renda do trabalho, que até atrapalhou o próprio Censo. Se houve um erro de previsão ali, foi um erro de achar que o salário dos recenseadores seria suficiente. E quando a economia aqueceu, teve dificuldade de contratar etc. Uma fotografia defasada atrapalha no mundo de hoje. As velocidades são maiores. O Censo faz falta não só por seus dados, mas também porque é a base para outras pesquisas.

Valor: Os gestores devem olhar os dados e ver o que pode ser mudado em termos de política pública?

Neri: Com certeza. Tivemos a menor taxa de crescimento [média anual populacional] de todas as décadas [recenseadas]. Isso obriga a olhar para trás e para a frente. A população idosa está crescendo, vai crescer mais e é só o começo dessa tendência. Em certo sentido, o Rio de Janeiro é um retrato do Brasil. A população cresce muito pouco e é mais idosa: é uma espécie de um trailer do que vai acontecer no Brasil. Dentro do Rio de Janeiro, Copacabana talvez seja um retrato do que será o Rio no futuro.

Copacabana hoje é como se fosse o terceiro ou quarto país mais idoso do mundo. Primeiro, Japão, depois Itália e Grécia. Só que em 2065 Copacabana vai ter 51% da população acima de 65 anos e o Japão vai ter 41%. Copacabana vai dar uma goleada no Japão. E essa população mais idosa demanda mais em serviços e recursos. E o Censo é absolutamente importante para esse desenho de políticas.

Valor: O que o crescimento mais lento da população sinaliza para a atividade econômica?

Neri: Se olhar para fora, a China foi o grande destaque global nos últimos 40 anos e basicamente vai ser ultrapassada pela Índia, que já tem uma demografia mais favorável. Apesar de todos os problemas, a população cresce muito mais que a China. A [economia da] China cresce muito em momento em que sua população aumentava. Só que fez a política do filho único e vão faltar jovens, população em idade ativa, porque caiu a fertilidade. Aqui no Brasil, cada mulher tinha 5,7 filhos em 1970. No Censo 2010, já tinha menos de dois. O que está por trás desse crescimento mais lento da população? Se for fertilidade, vamos pagar um preço depois.

Valor: O que o crescimento mais lento sugere sobre a população?

Neri: Apesar de ainda não termos o dado de faixa etária pelo Censo 2022, o crescimento mais lento da população sugere [um perfil com] dois extremos: uma população mais envelhecida, porque a expectativa de vida está aumentando — a cada três anos ganha um ano de expectativa de vida — e uma baixa fertilidade. A população em idade ativa cai porque caiu a fertilidade em algum momento no passado. E a população está [em boa parte] além da fase que se chama de idade ativa. Teremos que reinventar esses critérios. Ainda se pensa que a pessoa com 60 anos é terceira idade. E não é mais. E reinventar no sentido operacional da palavra: montar equipes de trabalho mais diversas, com papel para pessoas mais experientes. Se a razão do menor crescimento populacional for a questão da fertilidade, como parece ser, há um outro ponto.

Valor: Qual?

Neri: O Brasil é um país cheio de mazelas sociais. Uma taxa de crescimento populacional maior permite reescrever a história. Tem um fluxo de pessoas chegando: se oferecer educação e serviços, por exemplo, em algum tempo eles vão transformar o país. Pode demorar um pouco, mas vão transformar o país. Quando a população cresce menos, está

oxigenando menos. O Brasil aproveitou, em alguma medida, o crescimento da população para refazer sua história, aumentou os anos de estudo, mudou o perfil educacional. Até usamos bem, no caso da educação. Em 1980, a média de anos de estudo era de três anos, mesmo nível de 1965. Estava parado. Hoje em dia, já é mais de nove anos. O Brasil fez essa mudança, só que não teve consequência econômica. O país aumentou a educação das pessoas, mas o trabalhador brasileiro está tão produtivo quanto era em 1980, quase não cresceu. As transformações da população foram muito fortes, com aumento de expectativa de vida e de educação, mas o que talvez tenha falhado foi a economia. No Brasil, a gente fez uma revolução social atrasada, mas que não veio acompanhada de uma revolução econômica.

“No Brasil, a gente fez uma revolução social atrasada, mas que não veio acompanhada de uma revolução econômica”

Valor: O que a situação demográfica exige em política pública para educação?

Neri: Os indicadores de renda mostram que a terceira idade está bem situada [neste aspecto]. Só que tem 3,3 anos de estudo a menos que a média. Como demorou a evoluir a escolarização, essa população é menos escolarizada. Entre os mais jovens, a gente ampliou essa escolarização. Os dados do Censo devem continuar mostrando que o país aproveitou essa oportunidade em termos sociais. Só que temos um agravante sério sobre a educação, que é o impacto da pandemia. E as pesquisas mostram que efeito maior entre os grupos que estavam avançando mais em educação e com mais progressos, que são as crianças da pré-escola, em idade de alfabetização e no ensino fundamental 1. E isso trouxe um atraso escolar. Então, além da questão estrutural da população crescendo menos, o país vai ter essa cicatriz da pandemia na estrutura de conhecimento. E precisa recuperar isso, propor políticas, mas tem feito pouco por esse déficit [educacional da pandemia].

Valor: O esvaziamento das cidades mais populosas ajuda na gestão do país, nas políticas públicas?

Neri: O crescimento das gran-

des cidades brasileiras foi muito desordenado, sem saneamento, sem transporte público. Então [esse esvaziamento] desafoga um pouco, dá uma aliviada. Na verdade, o esvaziamento até decorre dessa crise. É um movimento de as pessoas buscarem qualidade de vida na hora de refazer as escolhas da onde vão morar.

Valor: E para as cidades que tiveram aumento na população?

Neri: É preciso reorganizar e reestruturar [as cidades]. Por exemplo, se a população mais jovem está diminuindo, é o momento de usar essa estrutura da escola para fazer jornadas estendidas para os alunos. Quatro horas de estudo é um tempo muito baixo para padrões internacionais. Nas cidades menores, é preciso criar infraestrutura para receber essa população. E isso em diferentes áreas: transportes, saneamento, hospitais, habitação...

Valor: É um desafio?

Neri: Um ponto que joga a favor é que, diferentemente da história das grandes cidades, esses lugares que estão atraindo mais população são geralmente os que estão indo melhor economicamente, são mais ricos e têm mais recursos. É preciso que ofereçam serviços públicos à altura da qualidade da população, mas também da possibilidade de financiamento, que deve aumentar com essa mudança. Isso exige planejamento, para não ter falhas. E nem sempre isso ocorre.

Valor: Os dados do Censo vão ajudar nisso?

Neri: O Censo é fantástico porque permite não só aos governos, mas às pessoas e à sociedade civil se conhecerem melhor. Não é só um planejamento de Estado em seus diferentes níveis. Esses dados existem. Nem sempre as pessoas querem olhar, mas existem.

Valor: Pode ser um momento de renovação de políticas públicas?

Neri: Desde 2013, o Brasil passou por uma grande recessão e a desigualdade aumentou — depois de período de queda forte, com o boom das commodities e a emergência da classe C. O nível de renda é próximo ao de uma década atrás. Nesses últimos dez anos, que não são os mesmos do período do Censo, todas as grandes conquistas foram colocadas em xeque. Democracia, redução de desigualdades e mesmo a inflação, que chegou a dois dígitos. Há uma polarização na sociedade brasileira. Para tomar decisões, seja como gestor, seja como cidadão, a informação é fundamental. E o Censo é uma dose maciça de informações. O Censo pode ajudar a municar essa mudança [de políticas públicas], a questão é como as pessoas vão usar essas informações.